

volta ao presente. Ao seu lado Inocência bate palmas, sempre de boca aberta, os olhos cheios de lágrimas, pescoço vermelho e pregueado, o ar humilde... Gilberto faz curvaturas para o público, sorri, alisa os cabelos. ("Que lindos cabelos tem o meu filho, queria que a senhora visse, comadre, crespinhos, vai ser um rapagão bonito.")

A escuridão torna a submergir a platéia. A luz fantástica envolve pianista e piano. Algumas notas saltam, como projéteis sonoros.

Navarra. Embalada pela música (esta, sim, a gente entende um pouco), D. Margarida volta ao passado.

Como foram longos e duros aqueles anos de luta! Inocência sempre no mau caminho. Gilberto crescendo. E ela pedalando, pedalando, cansando os olhos; a dor nas costas aumentando. Inocência arranjava empreguinhos de ordenado pequeno. Mas não tinha constância, não tomava interesse. O diabo do homem era mesmo preguiçoso. O que queria era andar na calafaria, conversando pelos cafés, contando histórias, mentindo...

- Inocência, quando é que tu crias juízo?

O pior era que ela não sabia fazer cenas. Achava até graça naquele homenzinho encurvado, magro, desanimado, que tinha crescido sem jamais deixar de ser criança. No fundo o que ela tinha era pena do marido. Aceitava a sua sina. Trabalhava para sustentar a casa, pensando sempre no futuro de Gilberto. Era por isso que a Singer funcionava dia e noite. Graças a Deus nunca lhe faltava trabalho.

Um dia Inocência fez uma proposta:

- Escuta aqui, Margarida. Eu podia te ajudar nas costuras.

- Minha Nossa! Será que tu queres fazer casas ou pregar botões?

- Olha, mulher. (Como ele estava engraçado, com a sua cara de fuiinha, procurando falar a sério!) Eu podia cobrar as contas e fazer a tua escrita.

Ela desatou a rir. Mas a verdade é que Inocência passou a ser o seu cobrador. No primeiro mês a cobrança saiu direitinho.

No segundo mês o homem relaxou... No terceiro, bebeu o dinheiro da única conta que conseguira cobrar.

Mas D. Margarida esquece o passado. Tão bonita a música que Gilberto está tocando agora... E como ele se entusiasma! O cabelo lhe cai sobre a testa, os ombros dançam, as mãos dançam... Quem diria que aquele moço ali, pianista famoso, que recebe os aplausos de toda esta gente, doutores, oficiais, capitalistas, políticos... o diabo! - é o mesmo menino da Rua da Olaria que andava descalço brincando na água da sarjeta, correndo atrás da banda de música da Brigada Militar...

De novo a luz. As palmas. Gilberto levanta os olhos para o camarote da mãe e lhe faz um sinal breve com a mão, ao passo que seu sorriso se alarga, ganhando um brilho particular. D. Margarida sente-se sufocada de felicidade. Mexe alvoçadamente com os dedos do pé, puro contentamento. Tem impetos de erguer-se no camarote e gritar para o povo: "Veja, é o meu filho! O Gilberto. O Betinho! Fui eu que lhe dei de mamar! Fui eu que trabalhei na Singer para sustentar a casa, pagar o colégio para ele! Com estas mãos, minha gente. Vejam! Vejam!"

A luz se apaga. E Gilberto passa a contar em terna surdina as mágoas de Chopin.

No fundo do camarote Inocência medita. O filho sorriu para a mãe. Só para a mãe. Ele viu... Mas não tem direito de se queixar... O rapaz não lhe deve nada. Como pai ele nada fez. Quando o público aplaude Gilberto, sem saber está aplaudindo também Margarida. Cinquenta por cento das palmas devem vir para ela. Cinquenta ou sessenta? Talvez sessenta. Se não fosse ela, era possível que o rapaz não desse para nada. Foi o pulso de Margarida, a energia de Margarida, a fé de Margarida que fizeram dele um grande pianista.

Na sombra do camarote, Inocência sente que ele não pode, não deve participar daquela glória. Foi um mau marido. Um péssimo pai. Viveu na vagabundagem, enquanto a mulher se matava no trabalho.

Ah! Mas como ele queria bem ao rapaz, como ele respeitava a mulher! Às vezes, quando voltava para casa, via o filho dormindo. Tinha um ar tão confiado, tão tranquilo, tão puro, que lhe vinha vontade de chorar. Jurava que nunca mais tornaria a beber, prometia a si mesmo emendar-se. Mas qual! Lá vinha um outro dia e ele começava a sentir aquela sede danada, aquela espécie de cócegas na garganta. Ficava com a impressão de que se não tomasse um traguinho era capaz de estourar. E depois havia também os maus companheiros. O Maneca. O José Pinto. O Bebe-Fogo. Convidavam, insistiam... No fim de contas ele não era nenhum santo.

Inocência contempla o filho. Gilberto não puxou por ele. A cara do rapaz é bonita, franca, aberta. Puxou pela Margarida. Graças a Deus. Que belas coisas lhe reservara o futuro? Daqui por diante é só subir. A porta da fama é tão difícil, mas, uma vez que a gente consegue abri-la... adeus! Amanhã decerto o rapaz vai aos Estados Unidos... É capaz até de ficar por lá... esquecer os pais. Não. Gilberto nunca esquecerá a mãe. O pai, sim... E é bem feito. O pai nunca teve vergonha. Foi um patife. Um vadio. Um bêbado.

Lágrimas brotam nos olhos de Inocência. Diabo de música triste! O Betinho devia escolher um repertório mais alegre. No atarantamento da comção, Inocência sente necessidade de dizer alguma coisa. Inclina o corpo para a frente e murmura:

- Margarida...

A mulher volta para ele uma cara séria, de testa enrugada.

- Chit!

Inocência recua para a sua sombra. Volta aos seus pensamentos amargos. E torna a chorar de vergonha, lembrando-se do dia em que, já mocinho, Gilberto lhe disse aquilo. Ele quer esquecer aquelas palavras, quer afugentá-las, mas elas soam na memória, queimando como fogo, fazendo suas faças e suas orelhas arderem. Ele tinha chegado bêbado em casa. Gilberto olhou-o bem nos olhos e disse sem nenhuma piedade:

- Tenho vergonha de ser filho dum bêbado!

Aquilo lhe doeu. Foi como uma facada, dessas que não só cortam as carnes como também rasgam a alma. Desde esse dia ele nunca mais bebeu.

No saguão do teatro, terminado o concerto, Gilberto recebe cumprimentos dos admiradores. Algumas moças o contemplam deslumbradas. Um senhor gordo e alto, muito bem vestido, diz-lhe com voz profunda:

- Estou impressionado, impressionadíssimo. Sim senhor!

Gilberto enlaça a cintura da mãe:

- Reparto com minha mãe os aplausos que eu recebi esta noite... Tudo que sou, devo a ela.

- Não diga isso, Betinho!

D. Margarida cora. Há no grupo um silêncio comovido. Depois rompe de novo a conversa. Novos admiradores chegam.

Inocência, de longe, olha as pessoas que cercam o filho e a mulher. Um sentimento aniquilador de inferioridade o esmaga, toma-lhe conta do corpo e do espírito, dando-lhe uma vergonha tão grande como a que sentiria se estivesse nu, completamente nu ali no saguão.

Afasta-se na direção da porta, num desejo de fuga. Sai. Olha a noite, as estrelas, as luzes da praça, a grande estátua, as árvores paradas... Sente uma enorme tristeza. A tristeza desalantada de não poder voltar ao passado... Voltar para se corrigir, para passar a vida a limpo, evitando todos os erros, todas as misérias...

O porteiro do teatro, um mulato de uniforme cáqui, caminha dum lado para outro sob a marquise.

- Linda noite! - diz Inocência, procurando puxar conversa.

O outro olha o céu e sacode a cabeça, concordando.

- Linda mesmo.

Pausa curta.

- Não se vê que eu sou o pai do moço do concerto...

- Pai? Do pianista?

O porteiro pára, contempla Inocência com um ar incrível e diz:

- O menino tem os pulcos no lugar. É um bicharedo.

Inocência sorri. Sua sensação de inferioridade vai-se evaporando aos poucos.

- Pois imagine como são as coisas - diz ele. - Não sei se o senhor sabe que nós fomos muito pobres... Pois é. Fomos. Roemos um osso duro. A vida tem coisas engraçadas. Um dia... o Betinho tinha seis meses... umas mãozinhas assim deste tamanho... nós botamos ele na nossa cama. Minha mulher dum lado, eu do outro, ele no meio. Fazia um frio de rachar. Pois o senhor sabe o que aconteceu? Eu senti nas minhas costas as mãozinhas do menino e passei a noite impressionado, com medo de quebrar aqueles dedinhos, de esmagar aquelas carnihas. O senhor sabe, quando a gente está nesse dorme-não-dorme, fica o mesmo que tonto, não pensa direito. Eu podia me levantar e ir dormir no sofá. Mas não. Fiquei ali no dor, de olho mal e mal aberto, preocupado com o menino. Passei a noite inteira em claro, com a metade do corpo fora da cama. Amanheci todo dolorido, cansado, com a cabeça pesada. Veja como são as coisas... Se eu tivesse esmagado as mãos do Betinho, hoje ele não estava aí tocando essas músicas difíceis... Não podia ser o artista que é.

Calas-se. Sente agora que pode reclamar para si uma partícula da glória do seu Gilberto. Satisfeito consigo mesmo e com o mundo, começa a assoviar baixinho. O porteiro contempla-o em silêncio. Arrebatado de repente por uma onda de ternura, Inocência tira do bolso das calças uma nota amarrada de cinquenta mil-réis e mete-a na mão do mulato.

- Para tomar um traguinho - cochicha. E fica, todo excitado, a olhar para as estrelas.

Érico Veríssimo (1905-1975), de "Érico Veríssimo, Contos 11" Edição 1989

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) OUTONO

Acho que está podre, vou jogar fora a laranja. Não é o seu umbigo! Agostinho José de Souza	Que belo caqui! De dar água na boca, mãe & do vizinho... Helvécio Durso	Um violão vai pintando. Encimando o verde. Manacá em flor. Manoel F. Menendez
Mata verdejante. Um pássaro colorido: uma linda arara! Alda Corrêa M. Moreira	Pela noite escura o meu olho fotografava teu vulto, ao relâmpago!... Hermoclydes S. Franco	No cartão: Eu te amo! No maço, um chero, um abraço. Buquê de crisântemo! Marcelino R. de Pontes
O clariano da lua guiando o caminhoneiro. Saudades de casa. Antônio Seixas	A estrela cadente sumiu no escuro do céu. Pedido atrasado. Héron Patricio	Flores manacás lilases sempre mutantes, perfumam o jardim. Maria App. Piccano Goulart
Na sala de espera olhares amedrontados para o gafanhoto. Dercy de Freitas T 001021	faz sua tela no poente... Dia da Poesia! João Elias dos Santos	As folhas caíndo exibem caquis maduros chamando atenção. Maurício F. Leonardo
Com prazer degusto as fatias de caqui... Senhor, obrigada! Edêl Costa	Folha amarelada, solta ao vento, procura lugar para pousar. José N. Reis	Festa no sertão a sede foi embora. Águas de março! Nadyr Leme Ganzert
Nas veias das ruas desponta o início de outono: as águas de março. Eduardo Toledo	Mamão maduro, ave em bando se fartando. Pé de periquito. José Walter da Fonseca	O trilar dos grilos quebra o silêncio da noite estrelada, quente. Olga Amorim
Caiti na arapuca e ao mesmo lá esperto diz só: - bem-te-vil! Eryc M. M. de Faria	A mesa bem posta e vindos da geladeira cachos de uvas suadas. Larissa Lacerda Menendez	Com frutos maduros, frondoso pé de abacate enfeitá o pomar. Olga dos Santos Bussade
Guri assustado com peixe, altura do queixo... - Formoso dourado. Fernando I. A. Soares	Repentinamente, fecho os olhos e desejo. Estrela cadente! Lávya Lacerda Menendez	Multicolorida, a arara chama a atenção com sonoros gritos. Santos Teodósio
Quem falou, quem... quem? Não há mais alguém aqui! O louro bem quieto. Fernando Vasconcelos	Sombra, amiga única, acompanha o homem só, ao clariano da lua. Leda Mendes Jorge	Gotas de orvalho. Olhos também umedece... Sérgio Serra
Manhã outonal. Pequena libélula dança ao canto da fonte... Guim Gá	De tantos dourados o meu barco afundando... sonho acordado. M. U. Moncan	Falta coração * alguns homens veiatos. - Dia dos Anímaís. José Walter da Fonseca

SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.03.02, quigos à escolha: Boca-de-leão, Carnaval de Rua, Taturana.

Remeter até 30.04.02, quigos à escolha: Colheita de Arroz, Hibisco, Robalo.

Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos quigos - palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
- Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados),

SENRIU A OCIDENTAL * - SENRIU (TREVO PERSONAGEM*)

Dia da Mulher! * Sexo livre, aborto, drogas? Queimo este filme!... Olíria Alvarenga	Paineira florida... * numa foto que desbota poetas da vida. Nilton Manoel Teixeira
Falta coração * alguns homens veiatos. - Dia dos Anímaís. José Walter da Fonseca	No sítio sou hospede... * Hum... Ah!... que despeda... - cheiro do café! Luís Koshitiro Tokutake

HAICUS EM FOLHA

Salpicos no verde: botões de dália se abrindo. Magia das cores. Darly O. Barros	Balé no jardim! Dançando ao sabor do vento, dalias amarelas. Elen de Novaís Felix	Lambari saltando escapou do samburá... pescador ligeiro! Anita Thomaz Folmann
no Dia de Ação de Graças a Cristo no altar! Leonilda Hilgenberg Justus	É Dia de Ação de Graças. Olhar de pureza... Djalda Winter Santos	disco amarelo florido. Dália solitária. Alba Christina
Os lambaris dançam, na linha do pescador, mordendo minhocas! Alison Cardoso de Oliveira	Manhã de domingo... Um caníco e um samburá... - Lambari no almoço! Maria Madalena Ferreira	Lambari na espreita. Movimento repentino faz ruído de lodo. Renata Paccola
Igreja lotada. É dia de Ação de Graças! Pessoas rezando... Analice Feitosa de Lima	Cedo, na capela, duas velas bruxuleiam. Dia de Ação de Graças. Maria Reginato Labruciano	Semana de chuva; ribeirão em corredeira... - Lambari na linha! Humberto Del Maestro
Na beira do rio a garotada em férias pesca lambaris. Alba Christina	Chuva de granizo. As pedras despetalando dalias cor de sangue... Analice Feitosa de Lima	Dalias coloridas no canteiro do jardim chamam borboletas. Djalda Winter Santos
Mãos postas, criança, no Dia de Ação de Graças, olhinhos no céu! Anita Thomaz Folmann	baílans e cresnapam as águas que reletem sóis... Amália Marie G. Bornheim	no Dia de Ação de Graças... - Coração em festa! Humberto Del Maestro
As águas tranquilas. Leve beliscar no anzol, lambari fígado. Olíria Alvarenga	Na igreja... dois sonos no Dia de Ação de Graças badalando a paz! Elen de Novaís Felix	Nos jardins, as dalias se abrem, multicoloridas. Flores luminosas! Amália Marie G. Bornheim
o entra-e-sai, na Matriz. Dia de Ação de Graças. Olíria Alvarenga	na chácara a beira-rio pesca lambaris. Renata Paccola	Três garotos em silêncio pescam lambaris. Maria Reginato Labruciano
Na volta da pesca, feira de lambaris. Menino contente. Djalda Winter Santos	Ao redor da mesa no Dia de Ação de Graças um brinde à família... Darly O. Barros	Na beira do rio, pequenino lambari procura alimento. João Batista Serra
No vaso de louça dalias multicoloridas sobre a mesa tosca. Maria Reginato Labruciano	Nadam lambaris... Esbarrando em folhas secas no leito do rio. Elen de Novaís Felix	Sala despojada. No vaso de cristal jaz somente uma dália. Walma da Costa Barros